

## PONTO DE VISTA

# A EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO É MAIS AQUELA

*Mauro Betti<sup>1</sup>*

A Educação Física brasileira ingressa no campo "científico" na década de 60, através dos laboratórios de fisiologia do exercício. Reivindica *status* de ciência e lentamente vai-se consolidando como uma área reconhecida no mundo acadêmico-universitário. Obteve razoável êxito, pelo menos em muitas Universidades das regiões sul e sudeste do país. Contudo, os problemas "infantis" e de "senso comum" dos primeiros tempos, foram substituídos pelos problemas "científicos" e "maduros" que assolam todas as outras áreas do conhecimento na Universidade, ao mesmo tempo em que experimentamos certa desilusão pela incapacidade da "Ciência" em dar repostas adequadas à realidade "prática" da Educação Física brasileira (neste caso, o problema, parece estar mais ligado à concepção de ciência, excessivamente impregnada dos ideais positivistas ortodoxos).

Se no passado a infantilidade jogava o "pessoal do esporte" contra o "pessoal da Educação Física"; depois os "biólogos" contra a "turma do social"; nossa maturidade acadêmica, que no campo dos estudos sócio-culturais traduz-se, por exemplo, na progressiva incorporação das grandes correntes filosóficas (neopositivismo, marxismo, fenomenologia, etc), às teorias da Educação Física, hoje joga "positivistas" contra "fenomenólogos", "marxistas" contra "construtivistas", etc. Igualzinho às áreas "maduras" - sociologia, psicologia ... A Educação Física não é mais aquela!

Mas assim como nas outras áreas, este confronto também tem seu lado produtivo. Explico por quê. Como a Educação Física tem um forte vínculo com a "prática", quer dizer, profissionais nas escolas, clubes e academias propondo, executando e avaliando programas de atividades corporais (vínculo, aliás, que alguns "cientistas" da Educação Física espertamente procuram negar), uma área onde mais amadurecemos foi na Educação Física Escolar, talvez pela sua tradição, importância estratégica e ligação histórica com as humanidades. A Educação Física na Escola é, em minha opinião, a **temática** de pesquisa que mais favorece a **interdisciplinaridade** (esta, talvez, o único consenso entre tantos dissensos), imprescindível para que a Educação Física, enquanto área do conhecimento, dê conta da complexidade de seu objeto. Pois bem, hoje, por todo o Brasil, cursos de especialização e aperfeiçoamento - geralmente dirigidos a professores de 10. e 20 graus têm trabalhado com quatro "propostas" de Educação Física Escolar, elaboradas por professores universitários brasileiros, a partir de suas diferentes experiências acadêmico-profissionais e tendências teóricas. São elas: a proposta "Desenvolvimentista"(1), a "Construtivista"(2); a "Crítico-Superadora"(3), a "Sistêmica"(4). Penso que em breve teremos a "Antropológica", com bases na Antropologia clássica(5). Este é um fato que não deve ser menosprezado - estamos produzindo uma original teoria da Educação Física, e nos libertando das influências norte-americana e alemã (embora alguns tolos digam que isto é "coisa de terceiro-mundo"). Desconheço qualquer país que tenha produzido uma reflexão teórica tão bem

<sup>1</sup> Professor Assistente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro.

fundamentada, com profundas implicações para a prática pedagógica da Educação Física.

É curioso notar que esta riqueza teórico-prática tem sido bastante divulgada nos cursos de especialização e aperfeiçoamento, mas não nos mestrados e doutorados, e que a maioria dos seus autores não são ainda docentes e orientadores destes últimos cursos, ou o são há pouco tempo. Alguns, inclusive são parcamente estudados em suas próprias instituições universitárias. Em muitos mestrados e doutorados da área, inspirados na fragmentação em sub-áreas ligadas às ciências-mães, com linhas de pesquisa cada vez mais especializadas - e que portanto alijam a interdisciplinaridade e a especificidade da Educação Física - não há lugar para uma linha ou subárea chamada "Educação Física Escolar", e portanto os interessados nesta temática têm seu ingresso dificultado nestes cursos. Outra dimensão desta questão é que começa a estabelecer-se um "jogo de poder" entre as propostas, na busca da hegemonia junto ao professorado de 10. e 20. graus. Tudo bem, faz parte do processo - é o que nos ensina a sociologia da ciência. Pior são os obtusos que querem apenas ficar "discutindo democraticamente", achando que nunca será preciso optar... Thomas S. Kuhn(6) poderia hoje incluir a Educação Física como um exemplo concreto do processo social envolvido nas "mudanças de paradigma" da ciência. Definitivamente, a Educação Física não é mais a mesma...

A Educação Física ingressa no mundo acadêmico e precisamos de títulos. Multiplicam-se os mestrados, alguns já na esfera privada, de qualidade duvidosa. Abrem-se doutorados oportunistas. Valoriza-se mais a forma que o conteúdo dos trabalhos. A Universidade precisa de doutores, e instaura-se a "titulocracia" - antes o título que a competência. Flagrantes injustiças nos processos de seleção. Aqui a Educação Física em parte mudou, em parte ainda é a

mesma ... Precisamos financiar nossos projetos, e dá-lhe demanda (e problemas) nas agências de fomento: projetos de sociologia caem nas mãos de consultores da fisiologia; ou pior ainda, o seu projeto é da teoria "x", da qual seu consultor é inimigo mortal - você "dançou", e se o consultor é seu inimigo, ainda leva para casa um parecer mal-educado, onde um "colega" da Universidade, escudado no anonimato, extravasa seus recalques e ódios. Você reclama com alguém mais "experiente", das áreas "maduras". e ele diz: "É assim mesmo, acontece com todo mundo ... ". Precisamos escrever e publicar, mas as poucas revistas e editoras da área tem suas próprias "linhas" e "donos" (não me refiro ao sentido jurídico, é claro); se não é a sua linha, nem o "dono" é seu amigo você "dançou" de novo. E pensar que há 10 ou 12 anos atrás faltavam textos para publicação... Precisamos iniciar os alunos no mundo da pesquisa, e dá-lhe bolsas de Iniciação Científica. Como a situação "tá difícil", os alunos correm mais atrás da bolsa do que da ciência. A Educação Física, hem, quem diria ...

Não precisamos e não devemos nos conformar com isso. A Educação Física é uma das áreas do conhecimento que está mais próxima da interdisciplinaridade e da relação teoria-prática, tudo o que pode haver de mais fecundo para a Universidade. Gostaria de abrir mais um parêntese para exemplificar com o caso das sub-áreas como fisiologia do exercício, biomecânica, etc., que se desdobraram da Biologia. É bobagem supor que a Biologia não tem nada a dizer sobre a Educação Física. Estaríamos perdendo uma das maiores riquezas científicas da cultura ocidental. O problema é que não pegamos da Biologia o que ela tinha de melhor. Ficamos com a Biologia reducionista, taxionâmica, fragmentadora da Natureza, em vez da Biologia como uma "filosofia da vida", e sua original perspectiva de interpretar as relações homem-natureza. Se a Educação Física é interdisciplinar, a Biologia terá que a ela se incorporar em outras bases.

Temos hoje um espaço de liberdade acadêmica na Educação Física (provavelmente maior que em muitas outras áreas) que nos permite enfrentar este desafio.

Estamos, enquanto um grupo acadêmico jovem e dinâmico, na privilegiada posição de oferecer alternativas a este modelo burocrático, formalista, fragmentador e corporativo de Ciência! Universidade que aí está. Se a Educação Física obteve inegáveis avanços, no "atacado", inspirados no modelo da ciência moderna, podemos e devemos corrigir, no " varejo", seus vícios e idiosincrasias. Caso contrário, correremos o risco de emperrar o processo de melhoria qualitativa da Educação Física, cuja direção, entendo, deva ser de uma maior compatibilização com as necessidades da sociedade brasileira no âmbito da cultura corporal de movimento.

## NOTAS

(1) Sobre a abordagem desenvolvimentista, consultar: TANI, Go et. al. *Educação física escolar; fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1988.

(2) Sobre a abordagem construtivista, consultar: FREIRE, João B. *Educação de corpo inteiro; teoria e prática da educação física*. Campinas, Scipione, 1989.

(3) Sobre a abordagem crítico-superadora, consultar: COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo, Cortez, 1992.

(4) Sobre a abordagem sistêmica, consultar: BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade; a educação física na escola brasileira de 10. e 20. graus*. São Paulo, Movimento, 1991; e BETTI, Mauro. Valores e finalidades na educação física escolar; uma concepção sistêmica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.16, n.1, p. 14-21, 1994.

(5) Conforme recente publicação de: DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.

(6) Conferir em: KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987.